

**IX ENCONTRO MUNDIAL DAS FAMÍLIAS
DUBLIM, 21-26 DE AGOSTO DE 2018
O EVANGELHO DA FAMÍLIA: ALEGRIA PARA O MUNDO**

SÉTIMA CATEQUESE: A CULTURA DA ALEGRIA

“AO VÊ-LO, FICARAM ADMIRADOS” (Lc 2,48)

*Virgem e Mãe Maria,
Vós que, movida pelo Espírito,
acolhestes o Verbo da vida
na profundidade da vossa fé humilde,
totalmente entregue ao Eterno,
ajudai-nos a dizer o nosso «sim»
perante a urgência, mais imperiosa do que nunca,
de fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.*

*Vós, cheia da presença de Cristo,
levastes a alegria a João o Baptista,
fazendo-o exultar no seio de sua mãe.
Vós, estremecendo de alegria,
cantastes as maravilhas do Senhor.
Vós, que permanecestes firme diante da Cruz
com uma fé inabalável,
e recebestes a jubilosa consolação da ressurreição,
reunistes os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.*

*Alcançai-nos agora um novo ardor de ressuscitados
para levar a todos o Evangelho da vida
que vence a morte.*

*Dai-nos a santa ousadia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos
o dom da beleza que não se apaga.*

*Vós, Virgem da escuta e da contemplação,
Mãe do amor, esposa das núpcias eternas
intercedei pela Igreja, da qual sois o ícone puríssimo,
para que ela nunca se feche nem se detenha
na sua paixão por instaurar o Reino.*

*Estrela da nova evangelização,
ajudai-nos a refulgir com o testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa,
da justiça e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até aos confins da terra
e nenhuma periferia fique privada da sua luz.*

*Mãe do Evangelho vivente,
manancial de alegria para os pequeninos,
rogai por nós. Ámen. Aleluia!*

(Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, 24 de novembro de 2013)

A alegria é, muitas vezes, entendida como a coroação dos próprios desejos, dos próprios projetos, do que está mais próximo do coração, como se fosse óbvio conhecer o que dá, realmente, felicidade à existência humana. A cultura atual, com o poder dos média, é capaz de inculcar na mente e no coração de toda a humanidade um modelo de alegria, que parece ser válido para todo ser humano de qualquer país, tradição e etnia. Um exemplo disso é o telemóvel: hoje não há pessoa que não o possua; aqueles que ainda não o têm, estão todos ansiosos pelo desejo de o ter o mais rápido possível. Por outras palavras, de uma maneira bastante sutil, mas muito eficaz, propõe-se um modelo de homem que, se quiser ser alegre e integrado nas relações sociais, não pode livrar-se desse dispositivo tecnológico.

Mas será mesmo verdade, que o homem conheça bem o que o torna, realmente, feliz? Será possível que, para ter felicidade, seja preciso lutar e labutar muito para alcançar um modelo de vida que, no fim, só alguns no mundo conseguem obter? Mais uma vez, o ícone do Evangelho escolhido, como referência para estas catequeses, oferece a luz para escolher o caminho da verdadeira alegria.

A primeira reação emotiva que o Evangelista Lucas refere de Maria e José, quando encontram Jesus sentado no templo a discutir com os mestres, é de espanto e não de angústia ou de raiva ou outros sentimentos negativos, que também são justificáveis, por terem tido medo de o perder.

Aquele Menino, que Maria teve no seu ventre nove meses e que José levou para o Egito, para o salvar das mãos do Rei Herodes, realiza agora, segundo parecer deles, algo de inesperado e surpreendente. A sua profunda maravilha, infunde nos seus corações uma alegria que não é fácil de descrever, talvez possa dar uma ideia disso, quando se experimenta na vida o dom de algo, muito além das próprias expectativas e desejos.

A alegria, a verdadeira alegria, é sempre inesperada, surpreende e amplia o coração para horizontes infinitos. Por sua vez, a alegria, a desejada e procurada, uma vez alcançada, fecha o coração humano dentro dos limites dos seus próprios desejos e impele novamente para outras aspirações insatisfatórias. Alegra-se, verdadeiramente, não quem alcança a alegria projetada, mas quem alcança a alegria nunca pensada.

Não é por acaso, que a primeira palavra, a saudação do Arcanjo Gabriel a Maria no momento da anunciação, traduzida, durante muito tempo, como “ave” ou “salve”, é, no entanto, “alegra-te”. À jovem, prometida como esposa, de Nazaré, com a intenção de realizar o seu sonho de amor com José, é anunciado algo inimaginável, que muda radicalmente os seus planos, mas o anjo imediatamente lhe diz, que esse anúncio é, para ela, fonte de grande alegria. A alegria autêntica perturba sempre os próprios projetos, para projetar para além das estreitas aspirações humanas.

Esta é uma das razões fundamentais, com as quais, muitas vezes, olhamos para a mensagem cristã com grande desconfiança, como se fosse o inimigo da felicidade humana. *«É uma convicção da Igreja, que muitas vezes foi rejeitada pelo mundo como se fosse inimiga da felicidade humana. Bento XVI regista esta crítica com muita clareza: “Com os seus mandamentos e proibições, a Igreja não nos torna porventura amarga a coisa mais bela da vida? Porventura, não assinala ela proibições precisamente onde a alegria, preparada para nós pelo Criador, nos oferece uma felicidade que nos faz pressentir algo do Divino?” Mas ele responde que, embora não tenham faltado exageros ou ascetismos extraviados no cristianismo, a doutrina oficial da Igreja, fiel à Sagrada Escritura, não rejeitou “o eros enquanto tal, mas declarou guerra à sua subversão devastadora, porque a falsa divinização do eros (...) priva-o da sua dignidade, desumaniza-o”»* (AL 147). Deus não é, de modo nenhum, um inimigo da alegria do homem, pelo contrário deseja, ainda mais do que a criatura humana, dar-lhe uma alegria abundante, que diz respeito a todos os elementos da sua humanidade, mesmo o elemento muitas vezes considerado enganador pela verdadeira alegria, o erótico.

O verdadeiro inimigo do prazer sexual, como comumente se pensa, não é de todo Deus, nem o Evangelho ou a Igreja. É o próprio homem que, com a sua fraqueza causada pelo pecado original,

desumaniza quanto de belo e maravilhoso o Criador Ihe deu. Para se orientar para a verdadeira alegria, tem de partir também do próprio corpo e da linguagem nele inscrita. Na *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco dá a todos indicações muito concretas e proféticas: «*é necessária a educação da emotividade e do instinto e, para isso, às vezes torna-se indispensável impormo-nos algum limite. O excesso, o descontrolo, a obsessão, por um único tipo de prazeres, acabam por debilitar e combalir o próprio prazer, e prejudicam a vida da família. Na verdade, pode-se fazer um belo caminho com as paixões, o que significa orientá-las cada vez mais para um projeto de auto doação e plena realização própria, que enriquece as relações interpessoais no seio da família. Isto não implica renunciar a momentos de intenso prazer, mas assumi-los de certo modo entrelaçados com outros momentos de dedicação generosa, espera paciente, inevitável fadiga, esforço por um ideal. A vida em família é tudo isto e merece ser vivida inteiramente*» (AL 148).

A principal tarefa da Igreja é anunciar precisamente o *Evangelii gaudium* (título da primeira exortação apostólica do Papa), porque só o Evangelho revela a verdadeira alegria e educa o coração do homem para a mesma alegria. «*Deus ama a alegria do ser humano, pois Ele criou tudo “para nosso usufruto” (1 Tim 6, 17). Deixemos brotar a alegria à vista da sua ternura, quando nos propõe: “Meu filho, se tens com quê, trata-te bem. (...) Não te prives da felicidade presente” (Sir 14, 11.14). Também um casal de esposos corresponde à vontade de Deus, quando segue este convite bíblico: “No dia da felicidade, sê alegre” (Ecl 7, 14)*» (AL 149).

Se o Evangelho revela a alegria ao homem, a família é seu berço natural. Tal como todo o matrimónio nasce do grande desejo dos jovens esposos, nele encontrarem alegria plena, também fracassa principalmente porque tal desejo não se atinge. Paradoxalmente, todos buscam alegria no matrimónio, todos se prometem, com convicção, alegria no matrimónio, mas muitos, com grande facilidade, encontram-se à deriva com o naufrágio de seu pacto conjugal. Porque é que estes fracassos matrimoniais são cada vez mais frequentes? E poder-se-á dizer que um matrimónio se realiza apenas porque os cônjuges foram fiéis até ao fim, mesmo que eles não tenham vivido a sua relação conjugal na alegria do amor? Por outras palavras, no matrimónio bastará a fidelidade conjugal para viver a sua plenitude ou será especialmente essencial que haja uma fidelidade muito mais profunda e mais radical que dê gosto e sabor à vida conjugal? O número de separações e divórcios cresceu, hoje, certamente, de forma exageradamente exponencial em comparação com algumas décadas atrás, mas não se diz que os casamentos do passado, porque duraram “até que a morte nos separe”, foram todos bem-sucedidos. Talvez o pacto matrimonial tenha sido tão espiritualizado e moralizado, de modo a obscurecer um elemento essencial que está na sua origem. «*No matrimónio, convém cuidar a alegria do amor. Quando a busca do prazer é obsessiva, encerra-nos numa coisa só e não permite encontrar outros tipos de satisfações. Pelo contrário, a alegria expande a capacidade de desfrutar e permite-nos encontrar prazer em realidades variadas, mesmo nas fases da vida em que o prazer se apaga. Por isso, dizia São Tomás, que se usa a palavra “alegria” para se referir à dilatação da amplitude do coração. A alegria matrimonial, que se pode viver mesmo no meio do sofrimento, implica aceitar que o matrimónio é uma combinação necessária de alegrias e fadigas, de tensões e repouso, de sofrimentos e libertações, de satisfações e buscas, de aborrecimentos e prazeres, sempre no caminho da amizade, que impele os esposos a cuidarem um do outro: “prestam-se recíproca ajuda e serviço”*» (AL 126).

Como cuidar e nutrir, então, a alegria do amor no longo e muitas vezes monótono e insidioso fluxo da vida conjugal? Será suficiente o compromisso dos dois cônjuges? A sua vontade e o seu esforço serão suficientes para reavivar a alegria no seu relacionamento de amor? Estes são erros frequentes, cometidos pelos casais, fazendo que a sua relação degenera em condições dramáticas e, por vezes, paradoxais. Não é uma questão de vontade, mas de “espiritualidade da beleza”, que permite ao cônjuge captar e apreciar «o “valor sublime” que tem o outro. A beleza – o “valor

sublime” do outro, que não coincide com os seus atrativos físicos ou psicológicos – permite-nos saborear o carácter sagrado da pessoa, sem a imperiosa necessidade de a possuir. Na sociedade de consumo, o sentido estético empobrece-se e, assim, se apaga a alegria. Tudo se destina a ser comprado, possuído ou consumido, incluindo as pessoas. Ao contrário, a ternura é uma manifestação deste amor que se liberta do desejo da posse egoísta. Leva-nos a vibrar à vista duma pessoa, com imenso respeito e um certo receio de lhe causar dano ou tirar a sua liberdade. O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal, que existe para além das minhas necessidades. Isto permite-me procurar o seu bem, mesmo quando sei que não pode ser meu ou quando se tornou fisicamente desagradável, agressivo ou incómodo. Por isso, “do amor pelo qual uma pessoa me é agradável, depende que lhe dê algo de graça” (AL 127). A experiência estética do amor exprime-se naquele olhar que contempla o outro como fim em si mesmo, ainda que esteja doente, velho ou privado de atrativos sensíveis. O olhar que aprecia tem uma enorme importância e, recusá-lo, habitualmente faz dano. Às vezes, quantas coisas fazem os cônjuges e os filhos para ser considerados e tidos em conta! Muitas feridas e crises têm a sua origem no momento em que deixamos de nos contemplar. Isto é o que exprimem algumas queixas e reclamações, que se ouvem nas famílias: “O meu marido não me olha, para ele parece que sou invisível”. “Por favor, olha para mim, quando te falo”. “A minha mulher já não me olha, agora só tem olhos para os filhos”. “Em minha casa, não interessa a ninguém, nem sequer me veem, é como se não existisse”. O amor abre os olhos e permite ver, mais além de tudo, quanto vale um ser humano» (AL 128).

A alegria não é um elemento acessório, que depende das condições de cada família. É essencial para a identidade da própria família. Quando se perde a alegria, a família ou entra em crise ou se demite. Precisamos de uma espiritualidade verdadeira e profunda porque «a alegria deste amor contemplativo deve ser cultivada. Uma vez que somos feitos para amar, sabemos que não há maior alegria do que partilhar um bem: “dá e recebe, e alegra a tua vida” (Sir 14, 16). As alegrias mais intensas da vida surgem, quando se pode provocar a felicidade dos outros, numa antecipação do Céu. Vem a propósito recordar a cena feliz do filme *A festa de Babette*, quando a generosa cozinheira recebe um abraço agradecido e este elogio: “Como deliciarás os anjos!” É doce e consoladora a alegria de fazer as delícias dos outros, vê-los usufruir delas. Este júbilo, efeito do amor fraterno, não é o da vaidade de quem olha para si mesmo, mas o do amante que se compraz no bem do ser amado, que transborda para o outro e se torna fecundo nele» (AL 129).

Só deste modo, é possível fazer o que a lógica humana considera ser irrealizável, isto é «a alegria renova-se no sofrimento. Como dizia Santo Agostinho, “quanto mais grave foi o perigo no combate, tanto maior é o gozo no triunfo”. Depois de ter sofrido e lutado unidos, os esposos podem experimentar que valeu a pena, porque conseguiram algo de bom, aprenderam alguma coisa juntos ou podem apreciar melhor o que têm. Poucas alegrias humanas são tão profundas e festivas como quando duas pessoas que se amam conquistaram, conjuntamente, algo que lhes custou um grande esforço compartilhado» (AL 130).

EM FAMÍLIA

Refletamos

1. Todos se casam porque experimentam uma grande alegria para com o amado do coração e porque desejam realizar com ele o sonho de sua vida que é a felicidade. Porque é isto, sempre dado como certo, nem sempre se realiza?
2. A alegria do amor na vida conjugal e familiar é um ideal ou uma realidade? Qual é o ideal irreal ou qual é o real?

Vivamos

1. A questão não é encontrar a alegria, mas educar para a verdadeira alegria. Em que sentido nos devemos educar para a verdadeira alegria e como fazê-lo?
2. Porque é que a crise conjugal e familiar se pode transformar em fonte de grande alegria do amor?

EM IGREJA

Refletamos

1. Como afirma com frequência o Papa Francisco, a principal tarefa da Igreja é anunciar o *Evangelho da alegria*, porque só o Evangelho revela e dá alegria verdadeira ao coração do homem. Este anúncio nem sempre é evidente. Porquê?
2. Hoje, mais do que nunca, urge uma ação pastoral da Igreja impregnada de alegria. O que significa isso e como pode ser alcançado nas nossas comunidades cristãs?

Vivamos

1. Hoje, muitos jovens têm muito medo de se casar. Que contributo pode dar a Igreja para que se possa redescobrir a alegria do amor consagrado no sacramento do matrimónio?
2. Que propostas para que a Igreja possa ajudar as famílias a viver e a experimentar a verdadeira alegria do amor?